

## **Experiência psicodélica e arte visionária: uma transfiguração da metafísica em estética**

*Psychedelic experience and visionary art: a transfiguration of metaphysics into aesthetics*

Jan Clefferson Costa de Freitas

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

[jancleffersonphil@gmail.com](mailto:jancleffersonphil@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/3793424733499223>

### **Resumo**

A principal finalidade do presente artigo consiste em relacionar os estados ampliados de percepção à atividade estética a partir de uma análise filosófica dos escritos psicodélicos de Aldous Huxley compilados na obra *Moksha* e das ideias apresentadas por Laurence Caruana no *Manifesto da Arte Visionária*. Os objetivos particulares deste trabalho são: a) apresentar a experiência psicodélica seja esta espontânea, induzida, farmacológica ou natural como princípio gerador do movimento criativo dos artistas visionários; b) demonstrar os principais procedimentos que, conforme previsto pelos pensadores Huxley e Caruana, possibilitam uma imersão nas realidades transcendentais; c) discorrer acerca dos elementos constituintes do universo visionário por exemplo: a luz, as transfigurações, as figuras do imaginário, do folclore e das religiões do mundo enquanto fontes de inspiração da criatividade artística; d) descrever como se realiza, a partir de um exame estético das pinturas de Hieronymus Bosch, William Blake e Gustav Moreau, a transfiguração dos horizontes suprassensíveis em formas sensíveis. As metodologias aplicadas ao desenvolvimento desta tessitura vêm a ser: escrita criativa, leitura aproximada e experimentação fenomenológica seguidas por uma revisão da bibliografia especializada produzida durante os últimos 60 anos, de 1963 a 2023. A título de conclusão o autor pretende evidenciar, sob que medida, as atividades extraordinárias da consciência sejam extáticas, oníricas, hipnagógicas ou excepcionais se apresentam como fenômenos indispensáveis à criação da arte visionária em todos os tempos, com especial destaque para o período da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Arte Visionária. Estética Filosófica. Fenomenologia Experimental. Filosofia Psicodélica. Metafísica Transcendental.



## Abstract

The central purpose of this article is to correlate expanded states of perception with aesthetic activity through a philosophical analysis of Aldous Huxley's psychedelic writings compiled in the work *Moksha* and the ideas presented by Laurence Caruana in the *Manifesto of Visionary Art*. The specific objectives of this work are as follows: a) to present the psychedelic experience whether spontaneous, induced, pharmacological, or natural as a generative principle of visionary artists' creative movement; b) to demonstrate the main procedures that, as envisioned by Huxley and Caruana, enable immersion in transcendental realities; c) to discuss the constituent elements of the visionary universe such as light, transfigurations, figures from the imagination, folklore, and world religions as sources of inspiration for artistic creativity; d) to describe how, through an aesthetic examination of the paintings of Hieronymus Bosch, William Blake, and Gustav Moreau, the transfiguration of suprasensible horizons into sensible forms is realized. The methodologies applied in developing this framework include: creative writing, close reading, and phenomenological experimentation followed by a review of specialized literature produced over the last 60 years, from 1963 to 2023. In the vein of a conclusive statement, the author aims to underscore to what extent extraordinary activities of consciousness be they ecstatic, dreamlike, hypnagogic, or exceptional emerge as indispensable phenomena for visionary art creation across all epochs, with particular emphasis on the contemporary times.

**Keywords:** Visionary Art. Philosophical Aesthetics. Experimental Phenomenology. Psychedelic Philosophy. Transcendental Metaphysics..

## Introdução: fenômenos psicodélicos e estética visionária

A representação da experiência psicodélica ou das manifestações da alma através da obra de arte tem início com as pinturas rupestres de seres, símbolos, estrelas, luas e sóis, gravadas por sobre as paredes das cavernas do período Paleolítico: “A história da arte mostra cada onda sucessiva de visão que flui através dos artistas do mundo. Como os videntes e os oráculos de outrora, a arte canta e grita a partir do eixo da verdade a fim de nos despertar para quem somos e para onde vamos” (GREY, 1998, p. 8).<sup>1</sup> As litografias que estão presentes nas estelas espeleológicas, constituídas pelos antepassados do ser humano, apontam para os astros do firmamento e para os elementos do fundamento como fontes da inspiração artística (HUXLEY, 1977; STRICKLAND; BOSWELL, 1999; FRAZER, 2002). As criações da mais remota ancestralidade são reveladoras no sentido de apresentarem a conexão entre as esferas da transcendência e da imanência, a fusão de horizontes entre o universo e a natureza, a correlação de forças entre a humanidade e a divindade: “A arte parece ser uma centelha do eterno que se funde com um momento histórico distinto, levando os artistas a fazer algo que testemunha a sua profundidade, que exprime as suas percepções mais pessoais e universais” (GREY, 1998, p. 9).<sup>2</sup> Os primeiros artistas da civilização estavam em busca

---

<sup>1</sup> Art history shows each successive wave of vision flowing through the world's artists. Like the seers and oracles of old, art sings and shouts from the axis of truth to wake us up to who we are and where we are going (GREY, 1998, p. 8).

<sup>2</sup> Art seems to be a spark of the eternal coalesced with a distinct historic moment, driving artists to do something that witnesses their depth, that expresses their most personal and universal insights (GREY, 1998, p. 9).



de representar as entidades metafísicas que inspiravam o processo criativo, eles tinham como propósito realizar a transfiguração dos sonhos proféticos e das visões extáticas em criação estética:

A arte nasceu cerca de 25 mil anos, quando o subumano homem de Neanderthal evoluiu para o ancestral humano, o homem de Cro-Magnon. O aumento da inteligência trouxe a imaginação e a habilidade de criar imagens esculpidas e pintadas. A arquitetura nasceu com a construção de monumentos destinados a rituais. Durante milhares de anos, acompanhando a ascensão e a queda de cada civilização, essas três formas de arte – pintura, escultura e arquitetura – encarnaram os anseios, os sonhos e os valores da cultura (STRICKLAND; BOSWELL, 1999, p. 2).

As primeiras criações do espírito humano, quer estas fossem pinturas, esculturas ou monumentos arquitetônicos, estavam relacionadas à representação da imaginação e à adoração das divindades. Na iconologia das mais antigas tradições de sabedoria, como a xamânica, védica, sumeriana e egípcia, o ato artístico está relacionado à prática sacramental. A partir dessa visão de mundo: “A arte visionária é tão antiga quanto as primeiras gravuras feitas nas paredes das cavernas pelos xamãs ou as misteriosas espirais esculpidas em rochas megalíticas” (CARUANA, 2001, p. 10).<sup>3</sup> Caligrafias de um mundo alienígena em fragmentos monolíticos; ligas metálicas que rememoram a forma dos seres divinos; arquiteturas erigidas para homenagear os deuses e deusas; figuras humanas em conexão direta com as forças arquetípicas; pinturas de plantas sagradas ao lado de olhos sem corpo, dentre outros, são apenas alguns dos indícios que evidenciam a ligação entre os estados ampliados de percepção e os lampejos primordiais da criatividade (ARNHEIM, 2004; FREEDBERG, 2013; GOMBRICH, 2023). Desde a sua origem mais remota até o presente, a criação artística demonstra a evolução da consciência, o desenvolvimento do espírito criativo não em termos de sofisticação, mas de capacidade expressiva impulsionada pelas forças naturais e cósmicas: “Cada um destes estilos culturais parece ter surgido ‘plenamente formado’ na história, com um vocabulário simbólico completo e uma expressão pictórica complexa” (CARUANA, 2001, p. 10-11).<sup>4</sup> A transfiguração da realidade suprassensível em composição sensível se consolida, respectivamente, por meio da arte mística na antiguidade, que passa a ser sagrada na medievalidade, transcendentalista na modernidade e visionária na contemporaneidade. Os artistas visionários são aqueles que, muito antes da definição estabelecida pelos pensadores contemporâneos,

---

<sup>3</sup> Visionary art is as ancient as the shaman's first etchings on cavern walls or the mysterious spirals carved on megalithic stones (CARUANA, 2001, p. 10).

<sup>4</sup> Each of these cultural styles seemed to emerge 'fully-formed' in history, with a complete symbolic vocabulary and complex pictorial expression (CARUANA, 2001, p. 10-11).



correlacionam a ampliação consciencial com o movimento de criar obras de arte: eles procuram representar pelo ato estético, os elementos constituintes de um horizonte metafísico.

O presente artigo tem como objetivo analisar e descrever a experiência visionária na criação artística a partir de uma aproximação com os estudos contemporâneos da filosofia psicodélica. Para alcançar a finalidade proposta, os horizontes norteadores da reflexão serão as obras *Moksha* de Aldous Huxley [1894-1963] e *A Manifesto of Visionary Art* de Laurence Caruana, acompanhadas por uma vasta bibliografia de estudiosos do pensamento visionário e da arte sagrada, como por exemplo Joseph Campbell [1904-1987], Ernst Gombrich [1909-2001], Terence McKenna [1946-2000], Alex Grey, dentre outros. Huxley certifica que as metodologias de navegação nas bem-aventuradas dimensões do ser, os planos de existência nos quais a humanidade se aproxima das ideias eternas, sempre estiveram entrelaçadas à sabedoria, às artes, à religião e ao imaginário (MCKENNA; 1993 GREY, 1998). Nas palavras do pensador psicodélico: “Bem, aqui está mais outra indicação de que uma grande ideia metafísica, a Ideia platônica, o sistema platônico de um mundo ideal, também se baseia no mundo da visão” (HUXLEY, 1999, p. 248).<sup>5</sup> A visão platônica de um mundo ideal que se integra ao real antes de tudo está atrelada à dimensão suprassensível e à realidade acessível por meio dos estados extraordinários de consciência, aos mundos transcendentais que o artista visionário tem o poder de transfigurar através da obra em elementos sensíveis (WILBER, 1990; LARSEN, 2001). Caruana notifica que o misticismo extático e onírico em todos os tempos se encontra relacionado à criatividade artística, à reflexão filosófica e à curiosidade teológica. Assim ele diz: “O artista em uma tal ‘busca da visão’ não está à procura de imagens por si só. Pelo contrário, as imagens surgem na sua contínua jornada ao Sagrado, oferecendo-lhe a entrada em um mais elevado, reino espiritual” (CARUANA, 2001, p. 5).<sup>6</sup> Para encontrar uma maneira de expressar o que ainda não foi expresso e manifestar o que se encontra em estado latente tanto no inconsciente pessoal quanto no coletivo, ou mesmo para exprimir o existente em outros níveis do entendimento humano e tornar visível a essencialidade que muitas vezes está invisível aos olhos corpóreos, na perspectiva de transformar o universo desconhecido em novidade perceptual, o movimento dos artistas visionários se aventura a mergulhar nas profundezas do oceano dos mistérios: “A arte visionária tem como propósito transcender o mundo físico, retratar visões que muitas vezes incluem temas espirituais e místicos ou, pelo menos, alicerçados em tais

---

<sup>5</sup> Well, here again is another indication that a great metaphysical idea, the platonic Idea, the platonic system of an ideal world, is also based upon a world of vision (HUXLEY, 1999, p. 248).

<sup>6</sup> The artist on such a 'vision quest' is not seeking images for their own sake. Rather, the images arise during his life-long journey to the Sacred, offering him entrance to a higher, spiritual realm (CARUANA, 2001, p. 5).



experiências” (MIKOZS, 2009, p. 115). Desta feita, a fim de tornar possível compreender a reciprocidade das relações entre as subjetividades visionárias e os estados expansivos do espírito, as principais formas de acesso aos mundos suprassensíveis serão dispostas em alinhamento com os fenômenos psicodélicos e a criação das obras de arte. O desfecho do trabalho em desenvolvimento vai evidenciar, por meio da conexão entre as diferentes formas de expressão da alma e os processos criativos, como acontece a transfiguração da metafísica em estética.

### Os caminhos de expansão da consciência

Aldous Huxley privilegia os seguintes meios de acesso ao mundo visionário: a espontaneidade, a indução, as substâncias químicas e os cogumelos sagrados. Na conferência de 1961, intitulada *The Visionary Experience*, ele rememora que ao longo da história, uma superabundante quantidade de poetas e artistas evidenciam com riqueza de detalhes nas suas obras o movimento fenomenológico de ultrapassar as dimensões sensíveis e inteligíveis. Por um lado, todas as crianças consideradas pelo autor são detentoras da facilidade de viajar através dos mundos real e imaginário; por outro lado, para as pessoas adultas que quase morreram ou que se encontram no leito de morte, a interação com outros planos de consciência constitui um acontecimento muito recorrente (HOROWITZ; PALMER, 1999; BISBEE; DICKY; FARRELL, 2018). Nas palavras do pensador psicodélico: “Algumas pessoas vão espontaneamente para lá; parecem ser capazes de se deslocar, sem qualquer dificuldade, entre o mundo visionário e o mundo cotidiano biologicamente útil da nossa experiência ordinária” (HUXLEY, 1999, p. 248).<sup>7</sup> Huxley considera a experiência visionária como um fenômeno de grande relevância em todas as culturas; estas últimas, de acordo com as próprias possibilidades, valores e crenças, se esforçaram para criar metodologias de indução aos estados extraordinários, como, por exemplo, a yoga, a meditação, a hipnose, a oração, o jejum, a inibição circadiana, a privação sensorial, o silêncio prolongado, as danças circulares, os ritmos tradicionais e assim por diante (HOROWITZ; PALMER, 1999; BISBEE; DICKY, FARRELL, 2018). As manifestações excepcionais da mente humana têm a importância cultural justificada pelo filósofo: “O fato da experiência visionária ter sido sempre em todos os tempos e lugares considerada muito valiosa, significa que em todas as eras e em todas as culturas esforços sistemáticos foram empreendidos para induzir essa experiência” (HUXLEY, 1999, p. 250).<sup>8</sup> A

---

<sup>7</sup> Some people spontaneously go there; they seem to be able to move back and forth without any difficulty between the visionary world and the workaday, biologically useful world of our ordinary experience (HUXLEY, 1999, p. 248).

<sup>8</sup> The fact that visionary experience has always, at all times and everywhere been very highly valued, means that at all times and in all cultures systematic efforts have been made to induce this experience (HUXLEY, 1999, p. 250).



distinção entre os acessos espontâneos e os induzidos aparece pautada na questão da vontade: os primeiros são naturais e não dependem de uma escolha individual para ocorrer; os últimos são metodológicos e estão relacionados à liberdade de decisão do indivíduo. De uma forma ou de outra, ao ser humano são abertos os caminhos em direção de outros níveis de percepção, horizontes perceptuais inacessíveis através de um processo consciencial ordinário. Apenas as experiências que escapam por completo da normatividade perceptiva podem ser consideradas visionárias ou psicodélicas.

Aldous Huxley considera as substâncias químicas como chaves de acesso ao mundo visionário. Na sua perspectiva, em diversos períodos históricos, psicoativos como mescalina, haxixe, LSD, psilocibina, DMT, dentre outros, são considerados como capazes de gerar alterações mentais que possibilitam uma imersão através de outras realidades (RUCK, 1992; MCKENNA, 1992). As dimensões acessadas por aqueles e aquelas que se aventuram a viajar pelos antípodas da mente através do uso consciente de determinadas drogas são desde sempre reconhecidas por fazerem parte do imaginário, do folclore e da religiosidade. De modo assertivo diz o pensador: “praticamente em todas as tradições religiosas, tanto civilizadas quanto primordiais, foram utilizadas drogas modeladoras da consciência com o propósito de induzir experiências visionárias. Todo tipo de substância química tem sido usado para esse fim” (HUXLEY, 1999, p. 254).<sup>9</sup> Por ser a metafísica uma esfera da filosofia que se aproxima da teologia, ao afirmar que para acessar outros mundos possíveis as mais distintas tradições da mística fizeram o uso de agentes expansores da consciência nos seus rituais, Huxley sugere que os fármacos ampliadores da percepção são instrumentos que possibilitam uma investigação do universo metafísico (WASSON, 1993; HOFMANN, 1999). Além dos acessos farmacológicos supramencionados, o filósofo psicodélico identifica nos cogumelos mexicanos – do mesmo modo que em outras criações da natureza, como por exemplo, a Ayahuasca na América do Sul e o cacto Peiote no sudoeste dos Estados Unidos – ferramentas facilitadoras da acessibilidade a esferas perceptivas que ultrapassam a racionalidade: “Estes métodos bioquímicos são, suponho, os mais poderosos e infalíveis, por assim dizer, dentre todos os métodos de transporte para esse outro mundo que existem atualmente” (HUXLEY, 1999, p. 256).<sup>10</sup> Em outras palavras, mesmo que nem todos os caminhos de imersão nos horizontes visionários sejam considerados seguros, apesar dos riscos que o percurso de alguns destes possa

---

<sup>9</sup> Virtually in every religious tradition, both civilized and primitive, use has been made of mind-changing drugs used for the purposes of inducing visionary experiences. Every kind of chemical substance has been used for this purpose (HUXLEY, 1999, p. 254).

<sup>10</sup> These biochemical methods are, I suppose, the most powerful and the most foolproof, so to say, of all the methods for transporting us to this other world that at present exist (HUXLEY, 1999, p. 256)



apresentar para o caminhante, se forem estes escolhidos com sabedoria cumprem a função determinante de abrir as possibilidades do entendimento para conceitos que antes eram ininteligíveis. Assim, representar com a obra de arte os universos acessados através dos processos expansivos do espírito significa transfigurar as estruturas metafísicas em criações de ordem estética.

Em *A Manifesto of Visionary Art*, o filósofo canadense Laurence Caruana desenvolve uma reflexão acerca da fundação de um movimento artístico na contemporaneidade. Essa inovadora manifestação da arte tem como finalidade a expressão, em sua maior parte feita através de uma linguagem visual, dos elementos que não pertencem à realidade da percepção ordinária: “A história da arte visionária é caracterizada pela tentativa de encontrar uma nova linguagem visual – uma linguagem que possa superar a contradição inerente (de ver o que não pode ser visto) e expressar o ‘supravisual’ de uma forma visual” (CARUANA, 2001, p. 4).<sup>11</sup> Na obra em destaque, o autor que dá sequência às ideias apresentadas por Aldous Huxley diferencia os artistas surrealistas dos visionários. No entendimento de Caruana, enquanto os primeiros buscaram a exploração do inconsciente através das viagens oníricas, mas sem apreciar a utilização de substâncias psicotrópicas, os últimos se dispõem não apenas a sonhar, mas a utilizar o que for preciso mesmo que possam existir riscos, para ter acesso aos estados extraordinários de consciência e manifestar no mundo, a partir da experimentação fenomenológica, os conteúdos pertencentes aos processos oníricos e extáticos sob as formas da expressividade artística. Expresso com as palavras do artista filósofo:

Enquanto os surrealistas tentavam elevar o estado de sonho a uma realidade superior (e se opunham ao uso de narcóticos), o artista visionário usa todos os meios à sua disposição – mesmo com grande risco para si próprio – a fim de ascender a diferentes estados de consciência e expor a visão resultante. A arte do visionário tenta mostrar o que repousa além dos limites da nossa visão. Através do sonho, do transe, ou de outros estados alterados, o artista tenta ver o invisível – atingindo um estado visionário que transcende os nossos modos regulares de percepção. A tarefa que o espera, a partir daí, é comunicar as suas visões de forma reconhecível pela ‘visão do cotidiano’ (CARUANA, 2001, p. 4).<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> The history of Visionary art is characterized by the attempt to find a new visual language – a language that may overcome the inherent contradiction (of seeing what cannot be seen) and express in visual form the 'supra-visual' (CARUANA, 2001, p. 4).

<sup>12</sup> Where Surrealists tried to elevate the dream-state into a higher reality (and opposed the use of narcotics) the Visionary artist uses all means at his disposal - even at great risk to himself - to access different states of consciousness and expose the resulting vision. Art of the Visionary attempts to show what lies beyond the boundary of our sight. Through dream, trance, or other altered states, the artist attempts to see the unseen - attaining a visionary state that transcends our regular modes of perception. The task awaiting him, thereafter, is to communicate his vision in a form recognizable to 'everyday sight' (CARUANA, 2001, p. 4).



Dito de outra maneira, os artistas qualificados como visionários são aqueles que procuram apreciar os estados oníricos e extáticos para expressar através das obras o que ultrapassa as percepções comuns. Há entre estes uma investigação contínua a respeito dos mistérios da natureza, do universo, da divindade, assim como da totalidade, que se expressa a partir da ação criativa (GREY, 1998; LARSEN, 2001). Segundo o autor do manifesto existem diferentes maneiras de experimentar a expansão da consciência, como por exemplo: os sonhos, as visões, o êxtase, o transe, a loucura, os *insights* e o uso de psicodélicos: “O objetivo destas experiências é trazer à realidade estados alternativos de consciência. Ou melhor, dar testemunho das outras realidades que se tornam evidentes nos estados alternativos de consciência” (CARUANA, 2001, p. 5).<sup>13</sup> Todas as alternativas de acesso à experiência psicodélica que foram citadas podem possibilitar a revelação de novas dimensões perceptuais, o desvelamento do significado metafísico dos arquétipos, a superação dos limites da realidade ordinária pela conexão da alma individual com a consciência universal (MCKENNA, 1993; RICHARDS, 2016). Em poucas palavras, ao propor a desenvoltura de novas linguagens por meio do ato criativo, com a abertura dos portais do pensamento para o sentido do extraordinário, se torna possível realizar o ideal do movimento visionário, que consiste na transfiguração da metafísica em estética, ou, fazer o invisível se tornar visível por meio da obra de arte.

Conforme observado por Laurence Caruana, a imensa variedade de formas constituídas para possibilitar a manifestação dos estados não-ordinários de consciência evidencia a importância da experiência psicodélica nas mais diversas culturas do mundo. Com efeito, vale observar que o êxtase visionário não depende necessariamente do uso de substâncias psicoativas para ser alcançado (MIKOZS, 2009; FREITAS, 2021). Como expresso antes por Aldous Huxley, as visões meta-sensíveis podem ocorrer de uma forma tanto espontânea quanto induzida, seja pelo uso de psicoativos, quer pelas práticas místicas. Nesse sentido: “se pode ser facilmente levado a pensar que os alucinógenos são os principais meios de exploração imagética dos visionários. Nada poderia estar mais longe da verdade” (CARUANA, 2001, p. 43).<sup>14</sup> De acordo com as ideias apresentadas por Caruana, muito embora os psicodélicos cumpram um importante papel na criação estética, a experimentação dos estados alternativos da mente necessários ao processo criativo do artista pode ser apreciada através da contemplação da arte, ou através dos exercícios espirituais que se

---

<sup>13</sup> The aim of these experiments is to bring alternative states of consciousness to reality. Or rather, to bear witness to other realities which are made evident in alternative states of consciousness (CARUANA, 2001, p. 5).

<sup>14</sup> one may be easily misled into thinking that hallucinogens are the visionary's prime means of image-exploration. Nothing could be further from the truth (CARUANA, 2001, p. 43).



encontram nas tradições do misticismo (MIKOZS, 2009; FREITAS, 2021). Em outras palavras, independente da chave utilizada para perpassar as realidades que ultrapassam os cinco sentidos, especialmente as dimensões que se encontram além da visão, a finalidade dos fenômenos oníricos e extáticos consiste em servir como uma fonte de inspiração para os artistas visionários. Na perspectiva do pensador supramencionado:

As fontes de experiência visionária são muitas e variadas: sonhos, sonhos lúcidos, pesadelos, imagens hipnagógicas, sonhos acordados, estados de transe (provocados pela exaustão, privação ou pela repetição rítmica de uma oração ou de um cântico), estados hipnóticos, doença, experiências de quase-morte, buscas xamânicas da visão, meditação (seja com os olhos fechados ou focados em uma imagem sagrada), a loucura (seja ela temporária – devido aos traumas da vida – ou permanente), o devaneio, a fantasia, a imaginação, a inspiração, a visitação, a revelação, as visões espontâneas, os psicodélicos, a leitura, e – não esqueçamos – as experiências metanoicas provocadas pela própria arte visionária (CARUANA, 2001, p. 43-44).<sup>15</sup>

Desde o princípio, como se sabe, o ser humano procura uma conexão com a sacralidade por meio da mística, das religiões, dos sonhos, da imaginação, da epifania, da teofania e também dos demais estados extraordinários de consciência. Para os artistas visionários, a finalidade da relação de proximidade com o sagrado consiste em manifestar a essência através da aparência, o aparente enquanto aquilo que aparece para o espírito durante a experiência psicodélica, ou seja, a metafísica transfigurada em obra de arte (WILBER, 1990; LARSEN, 2001). Dessa maneira, através da atividade estética, o artista faz emergir o que estava submerso nas profundezas do inconsciente pessoal e coletivo; a partir dos seus impulsos criativos, originários da expansão consciencial, o visionário possibilita com que apareçam os elementos em sua maior parte desaparecidos do campo das percepções ordinárias: “os artistas visionários contribuíram para este ímpeto – ao oferecerem uma vasta gama de imagens das profundezas mais ensombrecidas do inconsciente e ao conduzirem os seus expectadores, inesperadamente, para a luz” (CARUANA, 2001, p. 50).<sup>16</sup> O propósito diretor do movimento apresentado no manifesto por Caruana consiste na transfiguração, com base no ato estético, das dimensões transcendentais em realidade cotidiana; ou seja, na materialização do imaterial, na representatividade sensível das imagens arquetípicas e ontológicas vistas apenas pelos

---

<sup>15</sup> the sources of Visionary experience are many and varied: dreams, lucid dreams, nightmares, hypnagogic images, waking dreams, trance states (brought on by exhaustion, deprivation, or the rhythmic repetition of prayer or song), hypnotic states, illness, near-death experiences, shamanic vision-quests, meditation (whether with eyes closed or focused upon a sacred image), madness (be it temporarily - due to life's traumas - or permanent), day-dreaming, fantasy, the imagination, inspiration, visitation, revelation, spontaneous visions, psychedelics, reading, and - let us not forget - the metanoic experiences brought on by Visionary art itself (CARUANA, 2001, p. 43-44).

<sup>16</sup> visionary artists have contributed to this impetus - offering a rich array of imagery from the darkest depths of the unconscious and leading their beholders, unexpectedly, to the light (CARUANA, p. 50).



olhos meta-sensíveis. A exteriorização artística da sagrada interioridade se realiza em todos os períodos de tempo e circunscrições do espaço, em todas as culturas tanto do Oriente quanto do Ocidente, cada qual à sua maneira (ARNHEIM, 2004; FREEDBERG, 2013; GOMBRICH, 2023). Todos os povos do mundo de alguma forma buscam o desvelamento do mistério existente na correspondência entre a natureza e o universo, a manifestação do que se oculta entre a imanência e a transcendência sob os mais diversos modos: o que inclui a pintura, a escultura, a arquitetura, o desenho, a poesia, todas as formas de arte, como veículos de expressão do espírito de cada época.

### **Os elementos do horizonte transcendental**

Ao discorrer a respeito das paisagens constituintes dos continentes distantes da mente, acessíveis através dos estados extraordinários de consciência, Aldous Huxley observa que tais visões e territórios jamais podem ser dominados e explorados por inteiro (HOROWITZ; PALMER, 1999; BISBEE; DICKY; FARREL, 2018). Na sua perspectiva, as dimensões do microcosmo correspondem em proporção equivalente às do macrocosmo, de maneira que tanto no primeiro quanto no último o indivíduo pode encontrar com toda a sorte de criaturas fantásticas, seres superconscientes com existência independente da humanidade, inteligências que estão além das capacidades cognitivas atribuídas à espécie humana: “O que acontece nessas visões segue padrões tão lógicos internamente quanto as coisas que são vistas nos antípodas do mundo exterior. São estranhos, mas com uma certa razoabilidade” (HUXLEY, 1999, p. 90).<sup>17</sup> Nas esferas visionárias o significado intrínseco das coisas se intensifica, uma luminosidade colorida se desdobra por sobre todas as percepções: geometrias em movimento, mandalas, fractais e caleidoscópios, cores brilhantes se manifestam de um modo tridimensional para olhos abertos e fechados (MCKENNA, 1992; SHANNON, 2003). A intensificação da iluminação evidencia a correspondência estabelecida entre a significância e a essência constituinte de cada elemento do mundo, um fenômeno consciencial que desperta a reflexão sobre a metafísica, ou melhor, que abre o pensamento para o sentido e verdade do ser: “De uma forma paradoxal, mas totalmente auto-evidente (para aqueles que experimentaram esta ampliação de significado intrínseco), o relativo torna-se absoluto, o transitório particularmente universal e eterno” (HUXLEY, 1999, p. 125).<sup>18</sup> Para além dos arquétipos que correspondem à realidade interior dos visionários, as entidades que habitam os antípodas mentais

---

<sup>17</sup> What takes place in them follows patterns as logical internally as are the things seen in the antipodes of the external world. They are strange, but with a certain regularity (HUXLEY, 1999, p. 90).

<sup>18</sup> In a paradoxical, but (to those who have experienced this heightening of intrinsic significance) an entirely self-evident way, the relative becomes absolute, the transient particularly universal and eternal (HUXLEY, 1999, p. 94).



são pertencentes ao universo da religião, do folclore e do imaginário. Os horizontes que irradiam uma luz misteriosa estão sempre em um processo de metamorfose na experiência visionária (WILBER, 1990; GREY, 1998). As transfigurações do universo desconhecido em nada se parecem com qualquer coisa capturada por meio da percepção ordinária; também não são delírios nem alucinações, mas são formas, imagens e figuras com vida própria nunca antes contempladas, equivalentes de um espaço ontológico inexplorado: “A experiência visionária, seja espontânea ou induzida por drogas, hipnose ou qualquer outro meio, tem uma semelhança impressionante com ‘o outro mundo’, tal como o encontramos descrito nas várias tradições da religião e do folclore” (HUXLEY, 1999, p. 96).<sup>19</sup> Existe para Huxley uma força mágica – na perspectiva da relação entre magia e imagem – em algumas obras de arte que faz o expectador recordar, seja no âmbito consciente ou inconsciente, as realidades metafísicas que os visionários são capazes de acessar quando bem desejam, mas que a grande maioria das pessoas só acessa através de métodos hipnagógicos ou dos efeitos das substâncias psicoativas (HOROWITZ; PALMER, 1999; BISBEE; DICKY; FARREL, 2018). Os mundos transcendentais apreciados pelo filósofo psicodélico são representados em várias culturas por meio das artes, sejam visuais, poéticas, literárias, esculpidas ou arquitetadas: as moradas divinas transbordam uma beleza que ultrapassa a racionalidade, uma sublimidade que só pode vir a ser apresentada para o ser humano através da linguagem artística.

Os principais elementos identificados por Aldous Huxley como pertencentes à natureza do mundo visionário são assim três: a luz, as figuras visionárias e as transfigurações. Tais componentes de vez em quando podem ser acessados de forma espontânea, e, por muitas vezes, através dos estados ampliados de percepção (HOROWITZ; PALMER, 1999; BISBEE; DICKY; FARRELL, 2018). No que concerne à manifestação da luminosidade, além de ter um simbolismo primordial na experiência mística, esta pode se figurar tanto como sublime quanto como grotesca, seja infernal quer celestial, mesmo diferenciada (que se coloca nos objetos e nas pessoas) ou indiferenciada (que se apresenta em todas as coisas), a depender da realidade existencial de cada indivíduo: “Esta experiência quase sensorial da luz é algo que perpassou muitas religiões, penso que se pode dizer todas e tornou-se, como digo, o símbolo principal” (HUXLEY, 1999, p. 260).<sup>20</sup> A respeito das figuras que aparecem nos processos extraordinários de consciência, sejam induzidos ou espontâneos, estas podem ser compreendidas como as simplificações de um princípio

---

<sup>19</sup> The visionary experience, whether spontaneous or induced by drugs, hypnosis or any other means, bears a striking resemblance to “the Other World,” as we find it described in the various traditions of religion and folklore (HUXLEY, 1999, p. 96).

<sup>20</sup> This quasi-sensory experience of light is something which has run through many, I think one can say all, religions and has become, as I say, the primary symbol (HUXLEY, 1999, p. 260).



transcendental. Seres arquetípicos, espíritos antigos, faces desconhecidas, criaturas híbridas, humanoides alienígenas, entidades que combinam os conteúdos conscientes e adormecidos da psique, fazem parte do imaginário que se desdobra na jornada visionária: “é muitíssimo extraordinário que haja algo em nosso cérebro/mente [...] que usa as memórias de experiências visuais e as recombina de modo a apresentar à consciência algo absolutamente novo” (HUXLEY, 1999, p. 260).<sup>21</sup> Acerca do fenômeno da transfiguração, Huxley considera este o movimento responsável pela conexão dos estados de sonho e êxtase à criação da obra de arte, isto é, o elemento indispensável que possibilita a conversão da metafísica em estética, um transbordamento criativo da interioridade na exterioridade (MCKENNA, 1992; HOROWITZ; PALMER, 1999). A descrição do acontecimento transfigurador está presente em um sem número de narrativas religiosas, folclóricas e míticas, nas quais os seus protagonistas demonstram uma radical transformação do mundo percebido, seja para o bem e a beleza ou para o mal e a feiura. Tal metamorfose se auto-evidencia nas inúmeras composições artísticas: “há também uma arte maravilhosa essencialmente visionária, que é produto ou da visão do artista, por assim dizer de olhos fechados, do que acontece em sua cabeça, esse outro mundo extraordinário; ou então uma visão do mundo exterior transfigurado para bem ou para mal” (HUXLEY, 1999, p. 262).<sup>22</sup> Os conteúdos processados por aqueles à procura das visões transcendentais podem ser qualificados como metafísicos, uma vez que não pertencem exclusivamente à realidade sensível, mas sim em sua maior parte às dimensões suprassensíveis. Do encontro com as formas inimagináveis que despontam em um horizonte para além da visão, aqueles e aquelas com a coragem de se aventurar nos territórios inexplorados da consciência podem achar a inspiração, um tesouro imaterial de proporções monumentais constituído por toda a sorte de elementos admiráveis, necessários tanto ao planejamento quanto à edificação de um mundo novo.

Na perspectiva apresentada por Laurence Caruana, os elementos metafísicos que aparecem nas obras de arte visionária não apenas fazem parte de um estilo primordial, mas também abrem espaço para uma jornada da consciência através de horizontes atemporais (MIKOZS, 2009; BARREIRO, 2020). Todos os artistas visionários trazem consigo as características determinantes da sua época; entretanto o que se pode constatar sem exceção na contemplação das criações vem a ser a presença do sagrado, o elemento quintessencial de um procedimento criativo que se ressignifica

---

<sup>21</sup> it is most extraordinary that there is something in our brain/mind [...] which uses the memories of visual experiences and recombines them in such a way as to present to the consciousness something absolutely novel (HUXLEY, 1999, p. 260).

<sup>22</sup> there is also wonderful art which is essentially visionary art, which is the product either of the artist's vision, so to say with the eyes closed, of what is happening inside his head, this extraordinary other world; or else a vision of the external world transfigured either for the good or for the evil (HUXLEY, 1999, p. 262).



através das eras: “Como tal, embora a história da arte visionária possa ser traçada através de diferentes terras, épocas e culturas, um estilo de representação mais antigo, primordial, de fato eterno, subjaz silenciosamente a todos os períodos do seu desenvolvimento” (CARUANA, 2001, p. 9).<sup>23</sup> Embora o movimento artístico definido como visionário seja recente, idealizado por Huxley e expresso em manifesto por Caruana, a prática de representar a sacralidade através do ato estético pode ser considerada uma novidade de muitos milênios. No decorrer da sua multimilenaridade, os fenômenos criativos impulsionados pelas forças imanentes e transcendentais possibilitam que o extraordinário venha a se manifestar de formas originais (FURST, 1976; EVERSOLE, 2009). A originalidade identificada nas composições visionárias, acessível por meio do êxtase, do sonho, do transe, dos estados expansivos do espírito, que desde a pré-história mantém a si mesma em fluidez contínua, se justifica para o artista a partir da multiplicidade de combinações simbólicas, de uma aproximação entre os horizontes das mais diversas culturas do mundo:

Os temas próprios de uma obra visionária incluem: a Criação, o Paraíso, a Queda, o Dilúvio, o Triunfo da Morte, o Apocalipse, o Céu e o Inferno, a viagem após a vida, a iluminação, a morte e o renascimento, o hieros gamos, os heróis antigos, seres míticos, monstros, ciclopes e gárgulas, andróginos e hermafroditas, a loucura, sonhos, o futuro distante, o passado remoto, cidades ideais, ruínas antigas, civilizações perdidas, edificações que nunca serão construídas, edifícios construídos sem uma outra finalidade que não seja a prevalência da arquitetura sobre a matéria, torres, templos, pirâmides, todos os tipos de deuses e demônios, anjos e elementais, o cosmos e os seus muitos diagramas, modelos e meios de representação, o zodíaco, o mundo animal em seu estado primordial de ser, animais imaginários e reais, unicórnios, basiliscos, quimeras, esfinges, combinações bizarras mas harmoniosas de objetos ou qualidades existentes, relógios de bolso derretidos, girafas em chamas, o encontro fortuito de uma máquina de costura e de um guarda-chuva em uma mesa de dissecação, esoterismos de todos os tipos, alegorias, falsas anatomias, invenções e máquinas fantásticas, réplicas alquímicas, cartas de tarot, símbolos arcanos, geometrias sagradas, joias que refletem a luz, passagens, refrações da luz, espirais, labirintos, mandalas, retratos do artista à luz das suas memórias e sonhos, paisagens interiores, o interior da mente e, sobretudo, o que está invisível e ainda não reconhecível na nossa linguagem visual (CARUANA, 2001, p. 9-10).<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> As such, while the history of Visionary Art may be traced throughout different lands, epochs, and cultures, a more ancient, primordial, indeed eternal style of rendering silently underlies all periods of its development (CARUANA, 2001, p. 9).

<sup>24</sup> The proper subjects of a Visionary work include: the Creation, Paradise, the Fall, the Flood, the Triumph of Death, the Apocalypse, Heaven and Hell, the after-life journey, illumination, death and rebirth, the hieros gamos, ancient heroes, mythic beings, monsters, cyclops and gargoyles, androgynes and hermaphrodites, madness, dreams, the distant future, the remote past, ideal cities, ancient ruins, lost civilizations, buildings never to be built, buildings built with no purpose but the sheer triumph of architecture over matter, towers, temples, pyramids, all manners of Gods and demons, angels and elementals, the cosmos and its many diagrams, models, and means of representation, the zodiac, the animal world in its primordial state of being, animals imagined as well as real, unicorns, basilisks, chimeras, sphinxes, bizarre but harmonious combinations of existing objects or qualities, melting pocket-watches, burning giraffes, the chance



O arcabouço temático dos artistas visionários, conforme evidenciado por Laurence Caruana, ultrapassa sem excluir os elementos antes apresentados por Aldous Huxley. Em meio a tantas referências de inspiração que se manifestam a partir dos estados extraordinários de consciência, a quantidade de possibilidades que se apresenta para a criação da obra de arte vem a ser deveras vasta (WILBER, 1990; GREY, 1998). Uma vez que cada tema pode ser apresentado de forma isolada, estes também podem ser combinados pelo artista para gerar ainda mais admiração: “Cada um deles manifesta, ao mesmo tempo, uma qualidade distintamente épica ou monumental e, transcendendo-a, uma qualidade mais universal e atemporal” (CARUANA, 2001, p. 11).<sup>25</sup> Em outras palavras, os componentes manifestos do mundo visionário são atemporais, pois estes aparecem retratados no decorrer de todos os períodos da história, bem como podem ser identificados nas mais variadas culturas, o que os torna de algum modo universais (PENNICK, 1980; LIBEN, 2008). No entanto, o que mais pode soar atrativo para a atenção dos pensadores psicodélicos consiste no fato de que a esmagadora maioria dos elementos acima descritos não se encontram na realidade sensível: estes últimos em sua maior parte são pertencentes às dimensões meta-sensíveis, aos universos paralelos que as artes visionárias têm como meta representar.

As estruturas identificadas por Laurence Caruana como pertencentes à realidade meta-sensível estão relacionadas de forma direta à experiência onírica e extática: todas fazem parte do vasto conjunto de visões místicas que o artista busca transfigurar em criação estética (COLOMBO, 2015; RICHARDS, 2016). Para que possa manifestar as impressões do sonho e do êxtase de uma forma inteiramente inédita, a partir das suas jornadas empreendidas em um mundo supravisual, a tarefa do visionário consiste assim em decifrar as mensagens que se ocultam nos mistérios metafísicos, nos simbolismos enigmáticos, nas geometrias sagradas, nos caleidoscópios de fractais, nas imagens religiosas, nas figuras arquetípicas, nas correlações entre todas as coisas que foram criadas: “Como é difícil descrever ou representar esta visão de unidade – e entretanto –, ela está subjacente a tudo o que somos. É aquilo que está para além da nossa visão – o supravisionário, *le survisuel*. É o que procuramos revelar através de uma nova linguagem-imagem” (CARUANA,

---

encounter of a sewing machine and an umbrella on a dissecting table, esoterica of all sorts, allegories, false anatomies, fantastic inventions and machines, alchemical retorts, tarot cards, arcane symbols, sacred geometries, light-reflecting jewels, passages, refractions of light, spirals, labyrinths, mandalas, portraits of the artist in light of his memories and dreams, inner landscapes, the interior of the mind and, above all, those invisibles not yet recognizable in our visual language (CARUANA, 2001, p. 9-10).

<sup>25</sup> Each manifest, at one and the same time, a distinctively epic or monumental quality and, transcending this, a more universal and timeless quality (CARUANA, 2001, p. 11).



2001, p. 31).<sup>26</sup> Caruana considera como supravisionário tudo aquilo que faz parte de outros mundos além do sensível, isto é, os indicativos de um caminho sem pegadas que não pode ser percorrido pela consciência em estado ordinário, mas que só podem vir a ser observados com a expansão fenomenológica das faculdades perceptuais (BARREIRO, 2020; FREITAS, 2021). Nas palavras do filósofo-artista, a sacralidade manifesta nas esferas superiores da compreensão ultrapassa as perspectivas individuais da cultura e da religião, o que permite ao observador das formas puras contemplar a vida desde um ângulo mais elevado:

No processo de contemplar o sagrado como uma unidade atemporal e eterna, o artista visionário liberta-se momentaneamente de sua tradição espiritual herdada, dos seus símbolos particulares e do seu estilo de expressão. Durante essa epifania momentânea, a sua visão participa do universal, sem perspectiva cultural: adquire uma forma de ver mais sóbria, mais atemporal, até mesmo eterna (CARUANA, 2001, p. 33).<sup>27</sup>

O mundo supravisionário antecede e sucede o espaço-tempo no qual se encontra a civilização. Da mesma forma que os povos védicos tinham o seu *Paradesha*, os sumérios o *Dilmum*, os avésticos o *Pari-daeza*, os egípcios o *Sekhet-aaru*, os gregos o Olimpo, os celtas o *Mag Mell*, os nórdicos o *Valhala*, os hebreus o Éden, os islâmicos o *Jannah*, os iorubás o *Orum* e os guaranis a *Yvy Marã E'ỹ*, os visionários também têm o que se pode compreender como paraísos metafísicos – estes últimos acessíveis tanto através de métodos naturais quanto por meios artificiais –, realidades transcendentais das quais retiram a inspiração necessária à composição das obras de arte (COTTERELL, 1996; TALIAFERRO; MARTY, 2010; CAMPBELL, 2011). Mesmo que muitas vezes possam ser vistas apenas de relance nos estados oníricos e extáticos, estas são as dimensões misteriosas que aparecem nas jornadas visionárias: “Este é o mundo superior – visível para todos nós uma vez (antes da criação) e a ser testemunhado novamente (após o apocalipse) –, um paraíso atualmente escondido, um mundo que os artistas visionários procuraram e viram, mesmo que apenas em olhares furtivos” (CARUANA, 2001, p. 34).<sup>28</sup> Com efeito, vale ressaltar que os elementos supravisuais não são estruturas exclusivamente pertencentes às realidades paradisíacas

---

<sup>26</sup> How difficult it is – to describe or depict this vision of oneness – and yet it underlies all that we are. It is that which lies beyond the bound of our vision - the supra-visionary, le sur-visuel. It is that which we seek to reveal through a new image-language (CARUANA, 2001, p. 31).

<sup>27</sup> In the process of beholding the Sacred as a timeless and eternal Unity, the visionary artist frees himself momentarily from his inherited spiritual tradition, its particular symbols and style of expression. During that momentary epiphany, his vision partakes of the universal, sans cultural perspective: it acquires a stilled, more timeless, even eternal way of seeing (CARUANA, 2001, p. 33).

<sup>28</sup> This is the higher world – visible to all of us once (before the creation), and to be witnessed again (after the apocalypse) – a paradise presently hidden, a world which visionary artists have sought and seen – if only in stolen glances (CARUANA, 2001, p. 34).



e luminosas. Estes últimos também podem ser visualizados na contraparte do paraíso; nos reinos da antimatéria; nas terras do esquecimento; nos abismos do inferno; entre as ruínas de mundos destruídos pela divindade; no labirinto de pesadelos que enregelam a alma humana (COHEN, 1989; ROSEN, 2008; MATTHEWS, 2010). Lugares ensombrecidos do imaginário nos quais habitam seres monstruosos, tais como vampiros, teriomorfos, criptídeos, demônios, diabretes, espectros, fantasmas, aparições, dentre outras abominações, criaturas cuja visão pode resultar no questionamento da sanidade mental também fazem parte do conjunto de elementos da arte visionária. Em poucas palavras, no processo de transfigurar a metafísica em estética, a luz e as trevas são dois horizontes de igual importância que se complementam na obra do artista visionário.

### **A transfiguração da metafísica em estética**

Uma vez que foram analisados os caminhos de acesso à experiência psicodélica e descritos os componentes constituintes do universo visionário, o mesmo agora será feito no que concerne ao processo de transfiguração da metafísica em estética. O movimento de metamorfose da arte, que permite ao invisível se tornar visível, vem a ser simplificado pelo artista Alex Grey. Nas suas reflexões artísticas, reunidas na obra intitulada *The Mission of Art*, ele diz: “Se a verdade metafísica é uma virtude da grande arte, então a receptividade criativa do artista ou a sintonia espiritual com a inspiração devem ser desenvolvidas tão cuidadosamente quanto qualquer habilidade com argila, pena ou pincel (GREY, 1998, p. 79).<sup>29</sup> Se pode afirmar para começar o fato de que a expansão consciencial, ou a viagem através das esferas que transcendem a percepção ordinária, realizada com ou sem o uso de substância psicoativas, vem a ser um fenômeno indispensável à atividade de transformar as estruturas meta-sensíveis em realidade sensível:

O poder quase mágico exercido por certas obras de arte provém do fato de que elas nos recordam, consciente ou, na maior parte das vezes, inconscientemente, aquele outro mundo, no qual o visionário natural pode entrar à vontade, e ao qual os outros só têm acesso sob a influência da hipnose ou de uma droga como a mescalina e o LSD (HUXLEY, 1999, p. 98).<sup>30</sup>

Apenas através da abertura das portas da percepção, como diria Aldous Huxley, se faz possível visualizar o invisível; e somente através da visualização do que em geral não pode ser

---

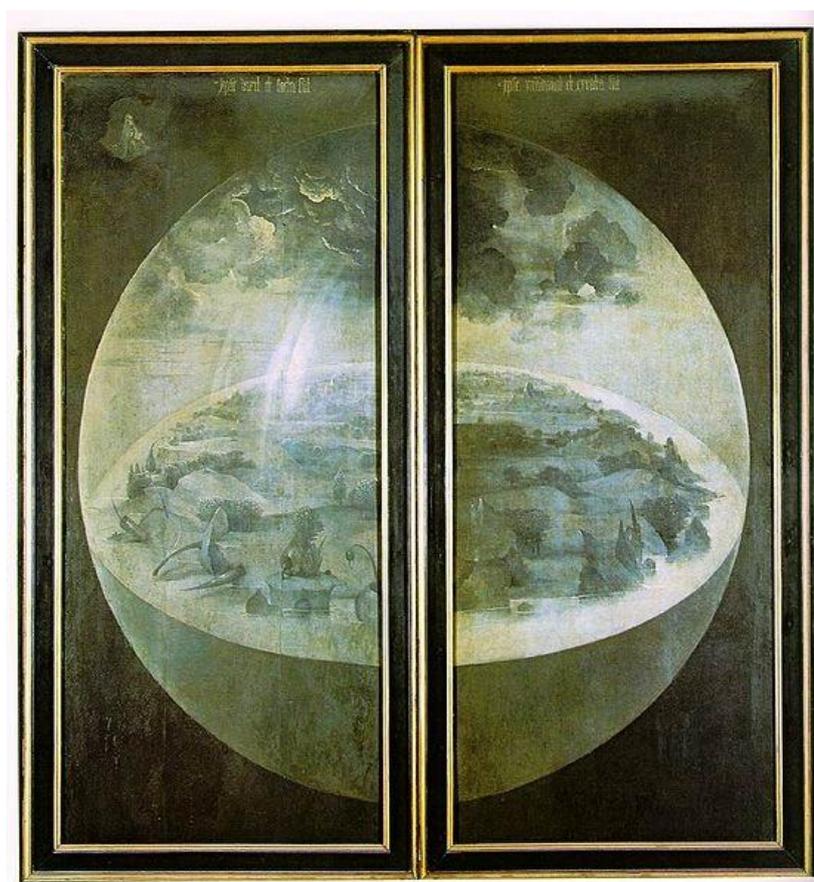
<sup>29</sup> “If metaphysical truth is a virtue of greater art, then the artist’s creative receptivity or spiritual attunement to inspiration must be developed as conscientiously as any skill with clay, pen, or brush” (GREY, 1998, p. 79).

<sup>30</sup> the almost magical power exercised by certain works of art springs from the fact that they remind us, consciously or, more often, unconsciously, of that Other World, which the natural visionary can enter at will, and to which the rest of us have access only under the influence of hypnosis or of a drug such as mescaline or LSD (HUXLEY, 1999, p. 98).

visto, como afirmaria Laurence Caruana, o artista traz à visibilidade os elementos de um mundo supravisual (MCKENNA, 1992; RICHARDS, 2016). Em outras palavras, a criação da arte visionária está relacionada de maneira intrínseca aos estados expansivos do espírito, sem os quais não pode ser consolidada. Os processos extáticos, oníricos, hipnagógicos e de transe, ou as experiências psicodélicas, são fenômenos indispensáveis ao movimento criativo dos visionários em todos os tempos e espaços (FREITAS, 2021; ROMERO, 2022). Assim, a fim de evidenciar em que medida os mundos transcendentais ou as realidades metafísicas acessadas a partir das mais diferentes manifestações conscienciais se transfiguram na expressão artística, algumas obras de referência no movimento visionário serão submetidas à análise e descrição.

Em *A Criação do Mundo*, tríptico do pintor holandês Hieronymus Bosch [1450-1516], muitos dos elementos determinantes na constituição da arte visionária podem ser identificados. Reparemos:

Figura 1 – *A Criação do Mundo*



Fonte: [www.hieronymusbosch.org](http://www.hieronymusbosch.org)

O quadro em questão pode ser observado tanto fechado quanto aberto, como um abrir e fechar de olhos. Visto na versão fechada, a terra dentro de uma esfera transparente simboliza a fragilidade do universo; os tons de cinza, branco e preto correspondem à ausência do sol e da lua, bem como à união das polaridades: pois enquanto as últimas cores são os antípodas da escala cromática, a primeira delas representa a conciliação das antinomias; a divisão tripla da obra representa a trindade divina, a completude e a perfeição, já que o número três unifica em si mesmo o princípio e o fim (CINOTTI, 1969; ROTH, 1992; BELTING, 2005). Visto na versão aberta, também conhecido como *O Jardim das Delícias*, o quadro se divide nos painéis esquerdo, central e direito. Observemos:

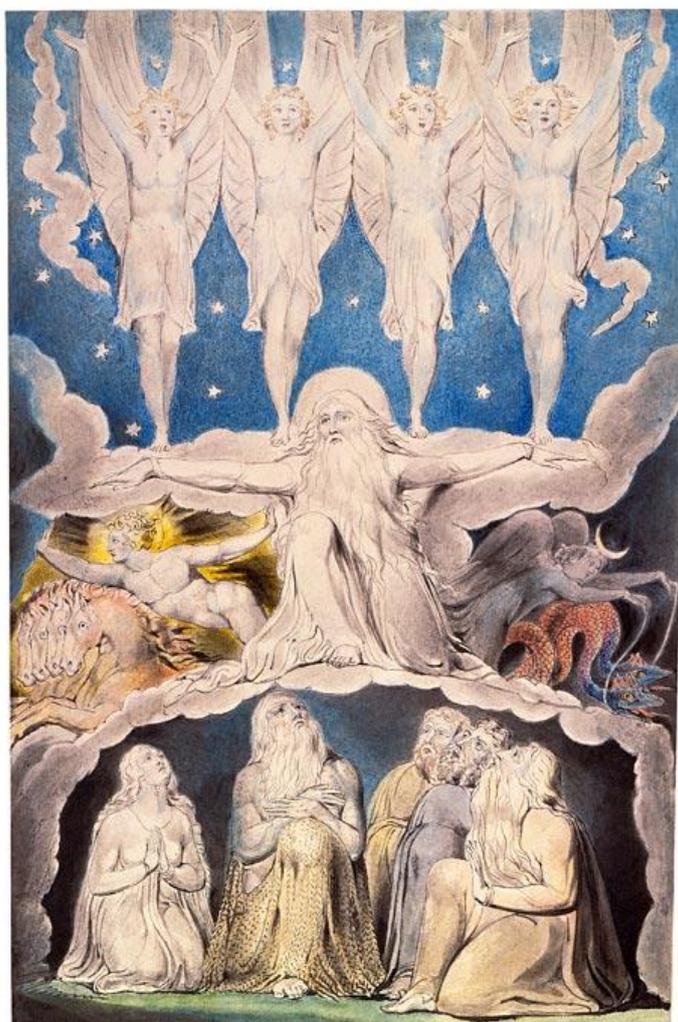
Figura 2 – *O Jardim das Delícias*Fonte: [www.brittanica.com](http://www.brittanica.com)

No primeiro painel, chamado *Jardim do Éden*, podem ser vistos o último dia da criação, o início dos tempos, a fonte da vida, os primeiros seres humanos, as árvores proibidas, a divindade personificada, a natureza em seu estado primordial e o paraíso terreno (CINOTTI, 1969; ROTH, 1992; BELTING, 2005); no segundo painel, chamado *O Jardim das Delícias Terrenas*, podem ser vistos seres mitológicos, arquiteturas fantásticas, extravagâncias sexuais, alimentos colossais, insetos com aspecto de frutas, animais que parecem pessoas, toda a sorte de excessos e o desregramento de todos os sentidos (CINOTTI, 1969; ROTH, 1992; BELTING, 2005); no terceiro painel, chamado *O Inferno*, podem ser vistas criaturas monstruosas, almas torturadas, um

lago de sangue e lágrimas, nuvens com tons de enxofre, partes agigantadas do corpo humano, perversidades diabólicas, bestas com as indumentárias da classe dominante e a orquestra desarmônica dos demônios (CINOTTI, 1969; ROTH, 1992; BELTING, 2005). Todas as visões metafísicas supramencionadas são transfiguradas por Bosch em obra de arte, o que evidencia a consistência do movimento de fazer o invisível se tornar visível. Expresso de outra forma: a ação de transfigurar as estruturas constituintes de realidades acessíveis apenas através de estados extraordinários de percepção, sejam estes espontâneos como o sonho ou induzidos como o êxtase, fazem de Hieronymus Bosch um verdadeiro visionário.

Em *Quando as Estrelas da Manhã cantaram Juntas*, uma aquarela do pintor inglês William Blake [1757-1827], todas as principais evidências que tipificam a criação da arte visionária podem ser visualizadas. Contemplemos:

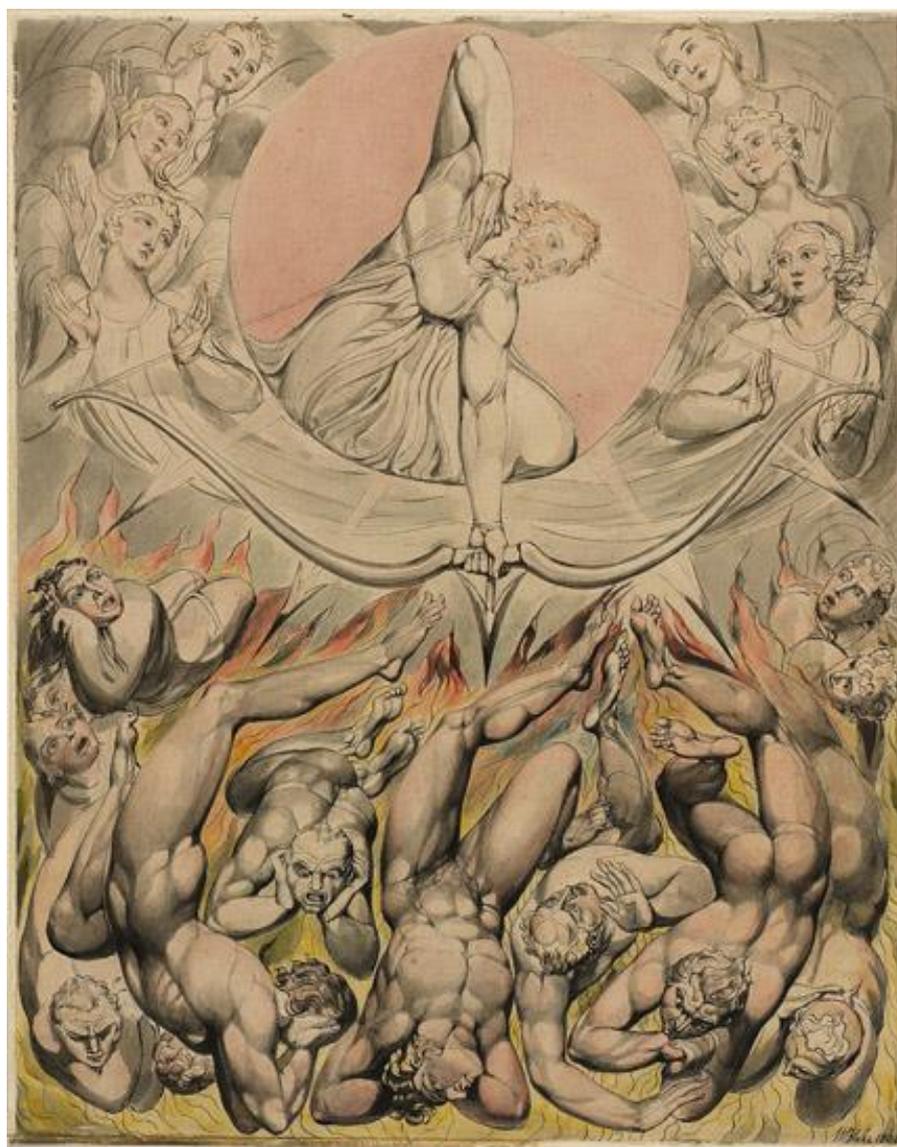
Figura 3 – *Quando as Estrelas da Manhã Cantaram Juntas*



Fonte: [www.themorgan.org](http://www.themorgan.org)

Na obra em destaque podem ser vistos um forte contraste entre a luz e as trevas, anjos estelares a cantar com os braços abertos ao céu, a divindade centralizada a reencenar a composição do mundo, o sol à esquerda e a lua à direita como as duas grandes luzes descritas no *Livro de Genesis* (BLUNT, 1959; GARNETT, 1971; PALEY, 2003). Ao mesmo tempo, na tela aparecem as polaridades do bem e do mal, personagens bíblicos a representar as passagens contidas no *Livro de Jó*, a mística da interação entre o universo e a natureza, que são todos elementos oriundos de um mundo metafísico, presentes estão na pintura de Blake (BLUNT, 1959; GARNETT, 1971; PALEY, 2003). Em *A Derrota dos Anjos Rebeldes*, outra água forte de William Blake, o artista mais uma vez evidencia os atributos que qualificam as suas obras como visionárias. Analisemos:

Figura 4 – *A Derrota dos Anjos Rebeldes*



Fonte: <https://blakearchive.org>



Na obra em perspectiva podem ser identificados o equilíbrio dos antagonismos, o alinhamento entre a luminosidade e a obscuridade, a coexistência das inteligências angélicas e diabólicas na ordem cósmica, o matrimônio estabelecido entre o céu e o inferno, a linha tênue que se coloca entre as profecias e as alucinações, o poder que as forças irracionais aprisionadas no subconsciente podem exercer sobre a humanidade, a jornada percorrida pelo místico dos inframundos aos supramundos, a unificação entre a centelha da alma e a Providência Divina, dentre outras referências que definem um trabalho visionário (BLUNT, 1959; GARNETT, 1971; PALEY, 2003). Como se faz evidente nas pinturas de Blake, para expressar de uma forma visual o que só pode ser percebido a partir dos processos extáticos, oníricos e hipnóticos, as visões metafísicas contempladas pelos profetas através da união mística são transfiguradas em criação estética. Dito de outra maneira, a transfiguração das estruturas constitutivas da realidade meta-sensível em formas sensíveis, que se apresenta nas pinturas de William Blake, o insere na categoria dos autênticos artistas visionários.

Em *A Esfinge Vitoriosa*, óleo sobre tela do artista francês Gustave Moreau [1826-1898], as estruturas constituintes de uma obra visionária podem ser identificadas. Vislumbremos:

Figura 5 – *A Esfinge Vitoriosa*



Fonte: <https://commons.wikimedia.org>



A pintura em questão apresenta uma criatura híbrida, originária da mitologia grega, com o corpo de leão e a cabeça de mulher: a Esfinge. De maneira majestosa, a figura lendária está sentada no topo de uma colina rochosa, com asas abertas e uma longa cauda, que evidenciam a grandiosidade da sua presença (LACAMBRE, 1999; COOKE, 2014). A Esfinge está disposta em um cenário exuberante e onírico, entre plantas e flores que parecem crescer de uma forma luxuriante; a vegetação parece ter sido pintada em cores vibrantes para poder contrastar as figuras sombrias do quadro: desse modo, a luminosidade intensa do sol destaca não apenas a esfinge, mas também as pessoas vencidas por ela nos jogos mentais (LACAMBRE, 1999; COOKE, 2014). Os pigmentos produzidos pela técnica aplicada possibilitam uma ampla variedade de cores, além de tons sutis, detalhes precisos, atmosferas idílicas, riqueza de texturas e complexidade realista: o que se pode constatar dentro da obra do artista visionário. Moreau era conhecido pelas suas pinturas simbólicas, misteriosas e enigmáticas, muitas delas inspiradas pelas suas experiências com substâncias psicoativas, apreciadas nos anos áureos da *Belle Époque* (LACAMBRE, 1999; COOKE, 2014). Assim, *A Esfinge Vitoriosa*, além de exemplificar com distinção o estilo artístico, a maestria e criatividade do pintor simbolista que postumamente veio a ser reconhecido como uma das influências mais expressivas dentro das artes visionárias, também pode representar a transfiguração do imaginário em realidade, ou seja, da metafísica em estética, a partir de uma brilhante interpretação de um dos mitos mais famosos da história antiga.

### **Conclusão: retrospectos de uma jornada psicodélica**

Ao longo do texto foi evidenciado que apenas através dos estados extraordinários de consciência, ou das experiências psicodélicas, o visionário pode alcançar os planos transcendentais; e que somente por meio do acesso às realidades que ultrapassam a percepção ordinária, o artista pode obter a força da inspiração necessária à criação da arte visionária (GREY, 1998; HUXLEY, 1999; CARUANA, 2001). Em outras palavras, as obras visionárias são aquelas que expressam para o campo da visão cotidiana os conteúdos que só podem vir a ser observados através de métodos expansores da perceptividade, quer dizer, por meio da experimentação dos fenômenos psicodélicos



(MIKOZS, 2009; BARREIRO, 2020; FREITAS, 2021). Também foi constatado no presente artigo que sem a expansão consciencial não pode haver acesso aos mundos suprassensíveis, e sem uma imersão nas dimensões que estão além da sensibilidade, as artes visionárias não podem existir (GREY, 1998; HUXLEY, 1999; CARUANA, 2001). Dessa maneira, as pinturas de Hieronymus Bosch, William Blake e Gustave Moreau cumpriram aqui a função de evidenciar, com base na monumentalidade dos seus respectivos universos simbólicos, o processo de transfiguração da metafísica em estética consolidado através da expressão criativa (BLUNT, 1959; CINOTTI, 1969; COOKE, 2014). Os artistas colocados em evidência, assim como todos os legítimos visionários, transformam as visões pertencentes ao mundo meta-sensível em realidade sensível, isto é: por meio dos mais diversos métodos utilizados para despertar a clarividência transcendental – sejam estes espontâneos, induzidos, farmacológicos ou naturais – bem como a partir da contemplação dos elementos pertencentes às esferas metafísicas, aos horizontes do imaginário, às narrativas do folclore e aos campos do misticismo, o visionário pode fazer o invisível se tornar visível por meio da obra de arte em todos os tempos e, especialmente, na contemporaneidade.

## Referências

ARNHEIM, Rudolf. *Art and Visual Perception: a Psychology of the Creative Eye*. California, University of California Press: 2004.

BARREIRO, Gustavo Rothenburg de Sá Krieger. *Acasos Pictóricos, Estado de Flow e Arte Visionária: Alteração de Consciência para Produção Artística*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Artes Visuais. Universidade de Brasília. 41 p. 2020.

BELTING, Hans. *Garden of Earthly Delights*. Munich, Prestel Publishing: 2005.

BISBEE, Cynthia; BISBEE, Paul; DICKY, Erika; FARRELL, 2018 (Orgs.). *Psychedelic Prophets: the Letters of Aldous Huxley and Humphry Osmond*. London, McGill-Queen's University Press: 2018.

BLUNT, Anthony. *The Art of William Blake*. New York, Columbia University Press: 1959.



- CAMPBELL, Joseph John. *Primitive Mythology: the Masks of God*. London, Profile Books: 2011.
- CARUANA, Laurence. *A Manifesto of Visionary Art*. Paris, Recluse Pub: 2001. Disponível em: <https://visionaryrevue.com/webtext/manifesto.contents.html>
- CINOTTI, Mia. *The Complete Paintings of Bosch*. London, Weidenfeld & Nicolson: 1969.
- COHEN, Daniel. *The Encyclopedia of Monsters*. New York, Hippocrene Books: 1989.
- COLOMBO, Daniele Elise. *Cosmic Expressions and Spiritual Revivals within Visionary Art*. Texas, San Marco: 2015.
- COTTERELL, Arthur. *The Macmillan Illustrated Encyclopedia of Myths and Legends*. New York, Macmillan: 1996.
- COOKE, Peter. *Gustave Moreau: History Painting, Spirituality, and Symbolism*. London, Yale University Press: 2014.
- EVERSOLE, Finley. *Art and Spiritual Transformation: the Seven Stages of Death and Rebirth*. New York, Inner Traditions: 2009.
- FRAZER, James. *The Golden Bough: a Study in Religion and Magic*. New York, Dover Publications: 2002.
- FREEDBERG, David. *The Power of Images: Studies in the History and Theory of Response*. Chicago, University of Chicago Press: 2013.
- FREITAS, Jan Clefferson Costa de. *Transfigurações Visionárias: as Metamorfoses Estéticas em Friedrich Nietzsche e Alex Grey*. Tese de Doutorado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 439 p. 2021.
- FURST, Peter. *Alucinógenos e Cultura*. Póvoa de Varzim, Ulisseia Ltda: 1976.
- GARNETT, Richard. *William Blake: Painter and Poet*. New York, Haskell House Publishers: 1971.
- GREY, Alex. *The Mission of Art*. For. Ken Wilber. Massachusetts, Shambala Publications: 1998.
- \_\_\_\_\_. *Transfigurations*. New York, Inner Traditions: 2001.



\_\_\_\_\_. *Sacred Mirrors: the Visionary Art of Alex Grey*. New York, Inner Traditions: 1990.

GOMBRICH, Ernst. *The Story of Art*. London, Paidhon Press: 2023.

HAUSKELLER, Christine; SJOSTEDT-HUGHES, Peter (Org.). *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. London, Bloomsbury Academic Press: 2022.

HOFMANN, Albert. *Preface to Moksha*. In: HUXLEY, Aldous Leonard. *Moksha: Aldous Huxley's Classic Writings on Psychedelics and the Visionary Experience*. New York, Park Street Press: 1999.

HOROWITZ; Michael; PALMER, Cynthia. *Introduction to Moksha*. In: HUXLEY, Aldous Leonard. *Moksha: Aldous Huxley's Classic Writings on Psychedelics and Visionary Experience*. Ed. Michael Horowitz and Cynthia Palmer. Pref. Albert Hofmann. For. Humphry Osmond. Int. Sasha Shulgin. New York, Park Street Press: 1999.

HUXLEY, Aldous Leonard. *Moksha: Aldous Huxley's Classic Writings on Psychedelics and Visionary Experience*. Ed. Michael Horowitz and Cynthia Palmer. Pref. Albert Hofmann. For. Humphry Osmond. Int. Sasha Shulgin. New York, Park Street Press: 1999.

HUXLEY, Francis. *O Sagrado e o Profano: duas Faces da mesma Moeda*. Trad. Raul José de Sá Barbosa. Rio de Janeiro, Editora Primor: 1977.

LACAMBRE, Geneviève. *Gustave Moreau: Magic and Symbols*. Trad. Benjamin Lifson. New York, Harry N. Abrams: 1999.

LARSEN, Stephen. *Transfigurations: an Artist's Journey*. In: GREY, Alex. *Transfigurations*. New York, Inner Traditions: 2001.

LIBEN, John Oscar. *Sacred Geometry for Artists, Dreamers, and Philosophers: Secrets of Harmonic Creation*. New York, Inner Traditions: 2008.

MATTHEWS, John. *The Element Encyclopedia of Magical Creatures*. New York: Harper Element, 2010.

MCKENNA, Terence Jon. *The Archaic Revival: Speculation of Psychedelic Mushrooms, the Amazon, Reality, Virtual Reality, UFO's, Evolution, Shamanism: the Rebirth of the Goddess, and the End of History*. San Francisco, Harper Press: 1992.

\_\_\_\_\_. *Food of the Gods: the Search for the Original Tree of Knowledge: a Radical History of Plants, Drugs, and Human Evolution*. New York, Bantam Press: 1993.



MIKOZS, José Eliézer. *A Arte Visionária e a Ayahuasca: Representações Visuais de Espirais e Vórtices Inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)*. Tese de Doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. 322 p. 2009.

PALEY, Morton David. *The Traveller in the Evening: The Last Works of William Blake*. New York, Oxford University Press: 2003.

PENNICK, Nigel. *Sacred Geometry: Symbolism and Purpose of Religious Structures*. Wellingborough, Turnstone Press: 1980.

ROMERO, Osiris Sinuhé González. *Decolonizing the Philosophy of Psychedelics*. In: HAUSKELLER, Christine; SJOSTEDT-HUGHES, Peter (Org.). *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. London, Bloomsbury Academic Press: 2022.

RICHARDS, William. *Sacred Knowledge: Psychedelics and Religious Experiences*. New York, Columbia University Press: 2016.

ROOTH, Anna Birgitta. *Exploring the Garden of Delights: Essays in Bosch's Paintings and the Medieval Mental Culture*. California, Suomalainen Tiedekatemia: 1992.

ROSEN, Brenda. *The Mythical Creatures Bible: the Definitive Guide to Beasts and Beings from Mythology and Folklore*. London, Octopus Publishing Group: 2008.

RUCK, Carl Anton Paul. *Poetas, Filósofos, Sacerdotes: Los Enteógenos en la Formación de la Tradición Clásica*. In: WASSON, Robert Gordon; KRAMRISCH, Stella; OTT, Jonathan (Et al.). *La Búsqueda de Perséfone: los Enteógenos y los Orígenes de la Religión*. México, Fondo de Cultura Económica: 1992.

SHANNON, Benny. *The Antipodes of Mind: charting the Phenomenology of the Ayahuasca Experience*. New York, Oxford University Press: 2003.

STRICKLAND, Carol; BOSWELL, John. *Arte Comentada: da Pré-História ao Pós-Moderno*. Trad. Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro, Ediouro: 1999.

TALIAFERRO, Charles; MARTY, Elsa. *A Dictionary of Philosophy of Religion*. New York, Continuum: 2010.

WASSON, Robert Gordon; KRAMRISCH, Stella; OTT, Jonathan (Et al.). *La Búsqueda de Perséfone: los Enteógenos y los Orígenes de la Religión*. México, Fondo de Cultura Económica: 1992.



WASSON, Robert Gordon. *El Hongo Maravilloso: Teonanácatl – Micolatría en Mesoamérica*. Trad. Felipe Garrido. México, Fondo de Cultura Económica: 1993.

WILBER, Ken. *In the Eye of the Artist: Art and the Perennial Philosophy*. In: GREY, Alex. *Sacred Mirrors: the Visionary Art of Alex Grey*. New York, Inner Traditions: 1990.

**Recebido: 03/10/2023**

**Aceito: 01/02/2024**